

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: REFLEXÕES A PARTIR DE UMA EXPERIÊNCIA FORMATIVA

Emanuella de Azevedo Palhares¹

Resumo

Este trabalho tem por objetivo refletir sobre as aprendizagens e os sentidos produzidos a partir da disciplina *Educação de Jovens e Adultos no contexto do aprender por toda a vida*. A disciplina, ofertada pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Campus Central, em 2023.2, proporcionou um encontro com a temática da EJA, não apenas como modalidade educativa, mas como *espaçotempo*² de luta e resistência. O interesse reside em verbalizar como esta experiência atravessou e transformou a trajetória formativa da autora.

A abordagem metodológica utilizada é a narrativa de experiência, compreendida à luz de Jorge Larrosa (2002), onde o que nos toca, passa e acontece se torna objeto de análise e de produção de sentidos e saberes. Assim, este resumo se apoia na autorreflexão da autora, que se coloca como território de passagem e superfície de acontecimentos, permitindo que a experiência com a disciplina se efetive enquanto experiência formativa. Para a tessitura das reflexões, foram considerados os teóricos discutidos em aula, como Maldonado-Torres (2023), Paiva (2009, 2019), Fraser (2006, 2019), Certeau (2011), Krenak (2022), bem como as discussões construídas e compartilhadas durante os encontros.

Os resultados da experiência formativa se concentram na reflexão crítica de três eixos conceituais. O primeiro eixo foi a compreensão da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no contexto da *lógica modernidade/colonialidade* (Maldonado-Torres, 2023), que articula a exclusão social e a negação de direitos por meio de lógicas racistas, patriarcais, capitalistas. Não por acaso, a EJA emerge e se enreda às circunstâncias de ausências ético-políticas e ao movimento de como se hierarquizam as relações sociais, por isso, tem se destinado àqueles e àqueles que possuem suas vidas minadas e atravessadas por múltiplos processos de exclusão e interdição que articulam categorias sociais da modernidade/colonialidade.

Por ser uma gramática social ampla e articular várias camadas de desumanização, a modernidade/colonialidade refere-se a um projeto de negação do *Outro* enquanto legítimo e autêntico *Outro*. Em relação aos sujeitos da EJA, a negação do direito à educação é a expressão da negação de outros direitos, o que revela a multiplicidade das dinâmicas de

¹ Mestra em Educação pelo POSEDUC/UERN. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação de Jovens e Adultos (GEPEJA). E-mail: emanuellapalhares89@gmail.com

² O uso desse e de outros termos grafados juntos e em itálico expressa nossa postura epistemológica de pesquisa, própria das pesquisas denominadas *nosdoscópicos* os cotidianos, e busca evidenciar um outro modo de dizer e pensar – indissociável, interdependente –, em oposição às dicotomias herdadas do pensamento moderno ocidental.

desigualdades e de injustiças sociais vivenciadas por esses sujeitos. São nos sujeitos que as dimensões coloniais se constituem e se conectam, mas estes não são apenas a expressão desse projeto hegemônico e desumanizante, ao contrário, são expressão de luta, de resistência, de vontade de ser e de existir com dignidade. A partir dessa concepção, articulo o segundo eixo conceitual: a apropriação da ideia do *direito de ter direitos* (Paiva, 2009, 2019). Resistindo à lógica hegemônica excludente e desumanizante, os sujeitos da EJA investem em seus percursos formativos (seja quando retornam ou têm a chance de acessar a escola pela primeira vez), demandando mais do que o direito à educação anteriormente negado – no acesso, na permanência, no êxito –, o direito a aprender e continuar aprendendo, constituindo essa modalidade enquanto *espaçotempo* fundamental de exercício de cidadania para àquelas pessoas que foram interditadas do direito de ter direitos.

Pensar sobre a categoria do direito é pensar o campo de efetivação da justiça social em sua amplitude, complexidade. É pensar a liberdade e a coexistência de modos outros de ser, de existir, de sentir, de conhecer, de pensar, de viver. Uma vez que as desigualdades sociais e educacionais articulam múltiplas dimensões de injustiças, tais quais gênero, raça, classe, etarismo, territorialidade, quando discutimos a questão do direito, devemos *pensar grande* (Fraser, 2019), para avançar na agenda da justiça social, o que inclui pensar em *redistribuição, reconhecimento e representatividade* (Fraser, 2006).

O terceiro eixo foi a capacidade de imaginação política e social, evidenciada na busca por *reflorestar o imaginário* (Krenak, 2022) e reconhecer *táticas* (Certeau, 2011) de transformação social. Apegada à ideia desse projeto outro, possível e alternativo a ser produzido coletivamente no âmbito das lutas e resistências daqueles que não foram incluídos na categoria dos direitos, imagino as inúmeras táticas criadas cotidianamente possibilitadoras da transformação e reencantamento do mundo, que tensionam e fissuram as relações de poder; imagino *cartografias de mundo* mais afetivas (Krenak, 2022), mais inclusivas e mais justas, em que a lógica modernidade/colonialidade é alterada pela lógica da solidariedade emancipatória, em que a coexistência de mundos é possível.

Assim, por teimosia e imperativo existencial, busco não me render à narrativa do *fim do mundo* (Krenak, 2022): àquela que tenta nos conformar, aprisionar e paralisar nossos sonhos, impedindo nossa capacidade luta e de ação por mudança e transformação social. Os modos como os sujeitos vão se inserindo, dando conta e produzindo astutamente suas existências, evidenciam os saberes e as práticas de esperanças rebeldes que engendram o adiamento desse fim, tal qual ilustrado nas histórias de interdição/exclusão compartilhadas durante o início de cada aula: Ruby Bridges, a primeira criança negra a frequentar uma escola segregada nos Estados Unidos, em 1960, tornando-se símbolo de resistência e luta pelos direitos civis e pela igualdade; João Francisco dos Santos ou, como é mais conhecido, Madame Satã, pai, transformista, malandro que aprendeu a conquistar a liberdade, ensinando a potência que um corpo pode ter e ser para poder dar conta de sua existência indesejada; Maria Carolina de Jesus, uma das primeiras escritoras negras do Brasil a ter grande



Educação na Era Digital: Políticas, Formação e Práticas Educativas em Debate

26 a 28 de novembro de 2025



visibilidade, enfrentando e denunciando as dinâmicas colonialistas, hoje, reconhecida, estudada e celebrada como uma das mais importantes figuras da literatura brasileira.

Em um nível relacional, a experiência formativa também revelou o potencial do ambiente acadêmico como possível espaço acolhedor, leve e de mutualidade, reforçando a importância do aprendizado horizontalizado na construção de laços e compromisso social com a EJA.

Conclui-se que a experiência com a disciplina alcançou seu objetivo ao promover uma profunda reflexão sobre o compromisso ético-político do sujeito em formação frente os limites e possibilidades da EJA. Assim, a disciplina não apenas fez circular *conhecimentossignificações*, mas atuou como um *espaçotempo* de transformação subjetiva, reforçando a necessidade de continuar semeando uma educação e um mundo mais justos e inclusivos

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Experiência formativa. Lógica modernidade/colonialidade. Direitos. Justiça social.

Referências

- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 17. ed. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- FRASER, Nancy. Da redistribuição ao reconhecimento? Dilemas da justiça numa era “pós socialista”. **Cadernos de Campo**, n. 14/15, São Paulo, 2006.
- FRASER, Nancy. Feminismo, capitalismo e a astúcia da história. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.
- KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.
- MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón (orgs.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.
- PAIVA, Jane. **Os sentidos do direito à educação para jovens e adultos**. Petrópolis, Rio de Janeiro: DP et Alii, FAPERJ, 2009.
- PAIVA, Jane. Imaginando uma EJA que atenda a demandas de cidadania, equidade, inclusão e diversidade. **Currículo sem Fronteiras**, v. 19, n. 3, 2019.



FACULDADE DE
EDUCAÇÃO **UERN**

